



Diversidade de espécies de Amphipoda (Crustacea: Peracarida) em bancos de rodolitos em Fernando de Noronha - PE, Abrolhos - BA e Ilha da Queimada Grande - SP, Brasil

Species diversity of Amphipoda (Crustacea: Peracarida) in rhodolith beds in Fernando de Noronha - PE, Abrolhos - BA and Queimada Grande Island - SP, Brazil

Victoria M. Cummings¹, Beatriz Queiroz¹, André R. Senna¹

AUTHOR AFILIATIONS

1 – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Ciências. Rua Dr. Francisco Portela, 1470, Patronato, CEP 24435-005, São Gonçalo, RJ, Brasil

ORCIDS AND CONTACT

Victoria M. Cummings
Orcid: 0000-0003-2824-6726
viccumings@outlook.com.br
Beatriz Queiroz
Orcid: 0000-0003-2054-127X
beatrizqueirozm@hotmail.com
André R. Senna
Orcid: 0000-0003-0976-849X
senna.carcinologia@gmail.com

ABSTRACT

Rhodolith beds are biogenic structures formed by non-articulated calcified red algae and constitute benthic habitats of high structural complexity, favoring the maintenance of high biological diversity. Due to their three-dimensional architecture and relative stability, these beds provide shelter, substrate, and food resources for a wide range of marine organisms, including crustaceans of the order Amphipoda. This work presents a detailed taxonomic inventory of the Amphipoda fauna associated with rhodolith beds in three locations along the Brazilian coast: the Fernando de Noronha Archipelago, the Abrolhos Archipelago and rhodolith bed, and Queimada Grande Island. Collections were made by SCUBA diving at depths ranging from 10 to 65 meters. Forty-six Amphipoda taxa were identified, of which 22 were assigned to species, 19 to genera, and five to families. Of these, seven species are unknown to science and will be described in subsequent studies. The results presented here reinforce the relevance of rhodolith beds as key environments for the conservation of benthic biodiversity and highlight the essential role of taxonomy in revealing and documenting this diversity.

Keywords: Crustaceans, Amphipods, Faunistics.

RESUMO

Bancos de rodolitos são estruturas biogênicas formadas por algas vermelhas calcificadas não articuladas e constituem habitats bentônicos de alta complexidade estrutural, favorecendo a manutenção de elevada diversidade biológica. Por sua arquitetura tridimensional e relativa estabilidade, esses bancos oferecem abrigo, substrato e recursos alimentares para uma ampla gama de organismos marinhos, entre eles os crustáceos da ordem Amphipoda. Este trabalho apresenta um inventário taxonômico detalhado da fauna de Amphipoda associada a bancos de

rodolitos em três localidades do litoral brasileiro: Arquipélago de Fernando de Noronha, Arquipélago e banco de rodolitos de Abrolhos e Ilha da Queimada Grande. As coletas foram realizadas por mergulho autônomo em profundidades variando entre 10 e 65 metros. Foram identificados 46 táxons de Amphipoda, dos quais 22 foram identificados em espécies, 19 em gêneros e 5 em famílias. Dentre essas, sete espécies são desconhecidas para a ciência e serão descritas em estudos subsequentes. Os resultados aqui apresentados reforçam a relevância dos bancos de rodolitos como ambientes-chave para a conservação da biodiversidade bentônica e destacam o papel essencial da taxonomia na revelação e documentação dessa diversidade.

Palavras-chave: Crustáceos, Anfípodes, Faunística.

INTRODUÇÃO

Os bancos de rodolitos, formados por algas vermelhas calcárias não articuladas (Rhodophyta: Corallinaceae), são estruturas biogênicas que proporcionam substrato consolidado e heterogêneo em fundos predominantemente sedimentares, funcionando como verdadeiros hotspots de biodiversidade marinha (Foster, 2001). No Brasil, esses ambientes bentônicos têm distribuição ampla, com destaque para a região do Arquipélago de Abrolhos, onde se localiza o maior banco contínuo de rodolitos já registrado, ocupando uma área superior a 20.000 km² (Amado-Filho et al., 2012, Amado-Filho & Pereira-Filho, 2012). Ainda que reconhecidos por sua importância ecológica, esses habitats ainda são pouco explorados em relação à fauna de crustáceos peracáridos que os habita.

Dentre os crustáceos, os representantes da ordem Amphipoda destacam-se por sua elevada diversidade morfológica e ecológica, além de desempenharem papéis fundamentais na estrutura trófica dos ecossistemas marinhos, atuando como consumidores primários e presas para diversos organismos (Marques & Bellan-Santini, 1993). Apesar disso, a fauna de Amphipoda associada a bancos de rodolitos no Atlântico Sul Ocidental é pouco conhecida, havendo uma lacuna notável dessas informações em inventários taxonômicos brasileiros (Serejo & Siqueira, 2018). Essa deficiência resulta, em grande parte, da pouca representatividade dos bancos de rodolitos em programas de monitoramento ambiental, somada à escassez de especialistas dedicados à taxonomia de grupos como os anfípodes. A falta de conhecimento gerada por essas limitações compromete a compreensão da verdadeira diversidade do grupo nesses habitats, dificultando, por exemplo, a definição de estratégias eficazes de conservação.

A complexidade estrutural conferida pelos nódulos de rodolitos oferece nichos variados, capazes de suportar uma alta diversidade de invertebrados bentônicos com diferentes histórias de vida e estratégias ecológicas (Riosmena-Rodríguez et al., 2017). Estudos recentes vêm evidenciando o potencial desses ambientes para o registro de novas ocorrências de espécies, como demonstrado por Senna et al. (2021), que descreveram *Pariphinotus amadoi* Senna, Guedes, Andrade & Pereira-Filho, 2021 a partir de exemplares coletados em rodolitos no Arquipélago de Fernando de Noronha.

Neste contexto, o presente estudo visa contribuir para o avanço do conhecimento sobre a diversidade de espécies de Amphipoda marinhos associadas a bancos de rodolitos em três áreas do litoral brasileiro. São apresentados novos registros de ocorrência e ampliações de distribuição geográfica. Os dados aqui gerados fortalecem a compreensão da composição faunística desses ambientes e ressaltam sua relevância para a conservação da biodiversidade marinha tropical.

MATERIAL E MÉTODOS

O material estudado foi coletado do banco de rodolitos do Arquipélago de Abrolhos (17°48'S, 38°14'W), no litoral do estado da Bahia

(BA), do Arquipélago de Fernando de Noronha (3°52"S, 32°29'W), no litoral do estado de Pernambuco (PE), e na Ilha da Queimada Grande (24°29'S, 46°40'W), no litoral do estado de São Paulo (SP), Brasil, entre profundidades de 10 m a 65 m, por meio de mergulho autônomo (Tabela 1, Figura 1). As coletas foram realizadas no âmbito do projeto “Avaliação dos processos que determinam a formação e a biodiversidade associada aos bancos de rodolitos em diferentes escalas espaciais” (financiado pela agência de fomento FAPESP e coordenado pelo Dr. Guilherme H. Pereira-Filho). Os nódulos de rodolitos foram coletados manual e individualmente e colocados em bolsas coletoras de nylon com malha de 0,5 mm. Os rodolitos foram submersos (ainda contidos nas bolsas coletoras) em solução de Cloreto de Magnésio (MgCl₂) (50 g/L) para anestesiá-los. Posteriormente, o material foi fixado em solução de formalina a 10% tamponada com Borato de sódio (BORAX). Em seguida, todos os rodolitos coletados foram quebrados e os invertebrados foram removidos, separados e fixados em etanol a 93%.

Todas as amostras estão armazenadas na Coleção de Crustacea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Para a análise taxonômica, apêndices e peças bucais foram dissecados e montados em lâminas com gelatina de glicerina para análise sob microscópio óptico (Motic BA-310).

Tabela 1. Código de campo, profundidades e coordenadas geográficas dos pontos de coleta nas três áreas de estudo.

Códigos	Profundidade	Coordenadas
FN1	10 metros	3°48'50.4"S- 32°23'27.6"W
FN2	45 metros	3°52'40.9"S- 32°29'3.8"W
ABR1	7 metros	17°46'20.0"S- 38°43'22.4"W
ABR2	15 metros	17°26'50.2"S- 38°25'33.4"W
ABR3	25 metros	17°14'17.1"S- 38°32'42.3"W
ABR4	65 metros	17°59'16.5"S- 37°52'14.0"W
ABR5	7 metros	17°57'44.1"S- 38°41'44.4"W
ABR6	30 metros	18°06'04.3"S- 38°25'25.0"W
QG1	10 metros	24°29'9.6"S- 46°40'40.8"W
QG2	20 metros	24°29'9.6"S- 46°40'40.8"W

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 46 táxons de Amphipoda, dos quais 22 foram identificados em espécies, 19 em gêneros e 5 em famílias (Tabela 2). Esses táxons estão agrupados em 23 gêneros e 19 famílias. A família mais diversa dentre as amostras analisadas é a família Maeridae Krapp-Schickel, 2008, com 11 espécies agrupadas em 3 gêneros, seguida da família Ampithoidae Boeck, 1871, com 7 espécies agrupadas em 3 gêneros, e das famílias Lysianassidae Dana, 1849, com 5

espécies em 3 gêneros, e Leucothoidae Dana, 1852, com 5 espécies congêneres.

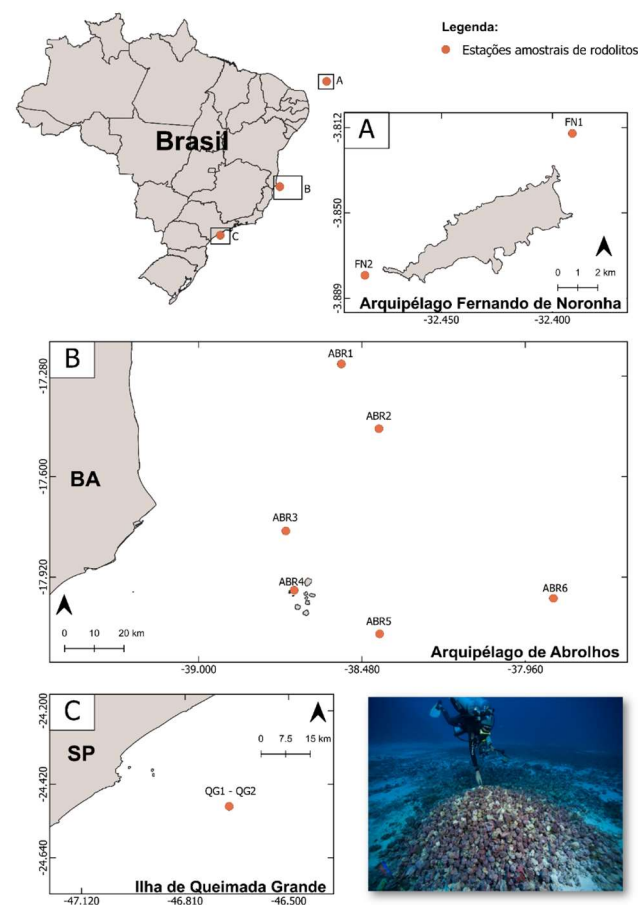


Figura 1- Áreas de amostragem do estudo: A, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE; B, Arquipélago e banco de rodolitos de Abrolhos; C, Ilha de Queimada Grande.

As 22 espécies identificadas em nível específico são apresentadas abaixo, enquanto as demais serão formalmente descritas em estudos subsequentes.

Ordem Amphipoda Latreille, 1816

Subordem Amphilochidea Boeck, 1871

Infraordem Amphilochida Boeck, 1871

Parvordem Amphilochidira Boeck, 1871

Superfamília Leucothoidea Dana, 1852

Família Leucothoidae Dana, 1852

Diagnose

Corpo comprimido lateralmente. Antena 1, flagelo acessório diminuto, 1-2 articulados ou ausentes. Gnatópodos 1–2 carpoquelado. Pereópodos 5–7, bases geralmente expandidas. Urossomitos livres. Telson inteiro (White, 2011).

Gênero *Leucothoe* Leach, 1814

Diagnose

Olhos, quando presentes, geralmente bem desenvolvidos, com 10 ou mais ocelos. Mandíbula, palpo 3-articulado. Coxas 1–4 relativamente iguais em largura. Pereópodos 5–7, bases geralmente expandidas. Dimorfismo sexual mínimo ou inexistente (White, 2011).

Espécie-tipo

Leucothoe articulosa (Montagu, 1804)

***Leucothoe kensleyi* Thomas & Klebba, 2006**

Material examinado

Um macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, Estado da Bahia, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5796); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de

Abrolhos, Estado da Bahia, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2643); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, Estado da Bahia, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2641); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, Estado da Bahia, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5793); 1 fêmea e 2 machos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, Estado da Bahia, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5791).

Diagnose

Margem anterior da cabeça definida por um ângulo agudo e truncado. Gnatópodo 1, carpo estreito e produzido. Gnatópodo 2, margem anterior da base cerdosa. Coxa 4, ângulo anteroventral produzido, margem ventral serrilhada. Epímeros 2–3, margem ventral serrilhada, sem cerdas (Thomas & Klebba, 2006).

Localidade-tipo

Nova Zelândia, 40°28'S, 177°43'E.

Comentários

A espécie foi originalmente descrita para Fort Lauderdale, Flórida, EUA, sendo encontrada em habitats de gramados marinhos e recifes de coral,

associada a esponjas. No Brasil, foi registrada pela primeira vez por Serejo (1998a), com ocorrências para PE e BA. Este é o primeiro registro desta espécie associada a rodolitos.

***Leucothoe laurensi* Thomas & Ortiz, 1995**

Material examinado

Um macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5550); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5556); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5559); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2647); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5555); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2648); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017,

em rodolito (UERJ 2637); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5551); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5554); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5790); 3 machos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5558); 2 fêmeas, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5557); 2 machos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5552).

Diagnose

Gnatópodo 2 do macho e da fêmea, própodo com palma subretangular e margem posterior com processo em forma de lâmina distalmente. Maxila 1, palpo 2-articulado, placa interna com cerdas terminais. Epímero 3, ângulo posteroventral arredondado; Télson alongado, triangular (Thomas & Ortiz, 1995).

Localidade-tipo

Punta Pedernales, Ilha da Juventude, Cuba.

Comentários

Essa espécie, descrita originalmente para Punta Pedernales, Isla de la Juventud, Cuba, está associada principalmente a substratos de areia fina e corais em profundidades entre 5-50 m (LeCroy, 2011). A autora destacou que o material brasileiro apresenta algumas diferenças em relação à descrição original de Thomas & Ortiz (1985), indicando que *L. laurensi* possa representar, na realidade, um complexo de espécies crípticas. Serejo (1998) registrou esta espécie para ambientes recifais ao largo de Porto de Galinha, PE, em para os recifes de Nova Viçosa e Paredes, BA. Nesse estudo há, portanto o primeiro registro da espécie em bancos de rodolitos.

***Leucothoe lihue* Barnard, 1970**

Material examinado

Uma fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2639); 1 fêmea, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 2646); 1 fêmea, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade,

3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5783).

Diagnose

Cabeça, margem anterior truncada. Margem anterior da quilha ventral com projeção; margem anteroventral com cúspide. Gnatópodo 1, margem anterior da coxa serrilhada, própodo curvo e dáctilo curto. Gnatópodo 2, carpo truncado distalmente, em forma de colher. Coxas 5 e 6 com cerdas faciais. Pereópodos 5–7 bases levemente expandidas (Barnard, 1970).

Localidade-tipo

Devaney, ao largo de Moku Manu, Oahu, Ilhas Havaianas.

Comentários

Originalmente descrita no Havaí por Barnard (1970) e posteriormente registrada em Madagascar por Ledoyer (1986), a espécie teve seu primeiro registro no Atlântico Sul no trabalho de Serejo (1998a) com registro nos estados de Alagoas (AL) e BA. Neste trabalho a ocorrência dessa espécie é expandida a nordeste, com o registro de espécimes provenientes do Arquipélago de Fernando de Noronha, PE.

***Leucothoe occidentalis* Reid, 1951**

Material examinado

Um juvenil, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade,

17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5799); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2645); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5795); 4 fêmeas, em etanol 93%, Ilha de Queimada Grande, Estado de São Paulo, Brasil, 10 metros de profundidade, 24°29'9.6"S, 46°40'40.8"W, fevereiro de 2016, em rodolito (UERJ 2341); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5803); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2635); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2636); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5800); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2650); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de

profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2633); 1 juvenil, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2634); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5794); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2644); 1 juvenil, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5798); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5789); 1 juvenil, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5787); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5802); 3 fêmeas, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5788).

Diagnose

Gnatópodo 1, base com cerdas faciais. Gnatópodo 2, carpo truncado distalmente, própodo com fileira de cerdas mediofaciais deslocada para a linha média. Epímero 1, ângulo anteroventral com tufo de cerdas. Urópodo 3, pedúnculo alongado. Télson, ápice com uma cúspide aguda e forte (White, 2011).

Localidade-tipo

África Ocidental Tropical, 9°30'N, 14–15°W.

Comentários

Originalmente descrita para a região da África Ocidental Tropical por Reid (1951), com ocorrência registrada desde o Marrocos até a África Ocidental tropical, a espécie foi posteriormente documentada no Brasil por Serejo (1998a), com distribuição conhecida da BA ao Rio de Janeiro (RJ). Esta espécie é comumente encontrada associada a substratos arenosos, esponjas e corais. Neste trabalho, apresenta-se o primeiro registro dessa espécie vivendo em associação com rodolitos.

***Leucothoe urospinosa* Serejo, 1998**

Material examinado

Uma fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2638); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de

Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5786); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5784); 2 fêmeas, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2642); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2654); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5792); 1 juvenil, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5797); 1 fêmea, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5785).

Diagnose

Margem anterior da cabeça truncada. Antenas 1–2 do mesmo comprimento. Gnatópodo 1, coxa com margens anterior e posterior serrilhadas própodo curvo. Gnatópodo 2, própodo com fileira de cerdas mediofaciais deslocadas para a linha média, palma subretangular com três tubérculos.

Pereópods, 5–7, base fracamente expandidas. Télson, ápice com cerdas faciais. Urópodo 1, ramo com uma sequência de 4 a 6 espinhos na porção distal (Serejo, 1998a).

Localidade-tipo

Recife Paredes, Abrolhos, Bahia, Brasil.

Comentários

Esta espécie foi originalmente descrita para o Arquipélago de Abrolhos, com registros de ocorrência estendendo-se para PE e AL, em profundidades compreendidas entre 20 e 30 metros (Serejo, 1998a). Conhecida por viver associada a recifes de coral, especialmente as espécies de esponjas *Dysidea janiae* e *Tedania ignis* (White, 2011) esta espécie agora também tem registros de associações a rodolitos.

Parvordem Eusiridira Stebbing 1888

Superfamília Liljeborgioidea Stebbing, 1899

Família Liljeborgiidae Stebbing, 1899

Diagnose

Antena 1 mais curta do que a antena 2, flagelo acessório presente; mandíbula com molar pouco desenvolvido, artículo 1 do palpo alongado; Gnatópodos bem desenvolvidos. Coxa 4, margem posterior superior escavada. Télson fendido, laminar (Barnard, 1959).

Gênero *Idunella* Sars, 1894

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório 2-6-articulado. Mandíbula com artículo 3 do palpo relativamente longo, fracamente a moderadamente falcado, com fileira de cerdas na margem ventral aumentando em comprimento distalmente e com margem dorsal sem cerdas. Gnatópodo 2, carpo com lobo curto, não se estendendo ao longo da margem posterior do própodo (LeCroy, 2011).

Espécie-tipo

Idunella aeqvicornis (Sars, 1877)

***Idunella titinga* (Wakabara, Tararam, Valério-Berardo & Leite, 1988)**

Material examinado

Um indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5588).

Diagnose

Antena 1 ligeiramente mais curta que a antena 2, flagelo mais curto que o pedúnculo e 6-articulado, flagelo acessório 2-articulado. Gnatópodo 1, própodo subtriangular, palma transversa definida por um único espinho. Gnatópodo 2, própodo, margem posterior produzida com um processo agudo e com uma escavação profunda em U. Epímero 3 com o ângulo posterodistal agudo. Urópodo 3 com ramos subiguais, ramo externo 2-articulado. Télson profundamente fendido (Wakabara et al., 1988).

Localidade-tipo

Ilha Anchieta, São Paulo, Brasil (23°30'S, 46°06'W).

Comentários

Originalmente documentada na Ilha Anchieta (SP), esta espécie apresenta preferência por substratos inconsolidados, incluindo areia fina, mistura de areia-lama-conchas e silte lodoso. O presente estudo amplia significativamente sua distribuição geográfica, registrando sua ocorrência no Arquipélago de Abrolhos (BA), representando a primeira citação para a região Nordeste do Brasil. Adicionalmente, reporta-se aqui o primeiro registro da espécie em associação a bancos de rodolitos.

Superfamília Eusiroidea Stebbing, 1888

Família Bateidae Stebbing, 1906

Diagnose

Corpo liso ou dentado dorsalmente. Antena 1, flagelo acessório ausente. Coxa 1 vestigial ou ausente. Gnatópodo 1 reduzido, biarticulado. Pereópodos 4–7, base com lobo posterior expandido, urossoma 1–3 separados (LeCroy, 2004).

Gênero *Batea* Müller, 1865

Diagnose

A mesma da família.

Espécie-tipo

Batea catharinensis Müller, 1865

***Batea cuspidata* (Shoemaker, 1926)**

Material examinado

Um indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5547); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5545); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5548); 1 indivíduo, em etanol 93%, Portinho Norte, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, 23 de outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5549); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5544); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5546)

Diagnose

Antena 1, artículo 1 do pedúnculo com processo distoventral. Segmento 7 do peréon com processo dorsal. Segmentos 1–2 do pleon com processo dorsal. Gnatópodo 1 delgado, com cerdas terminais e marginais. Gnatópodo 2, ísquio relativamente alongado, delgado, muito mais longo que o mero, carpo com lobo carpal pouco desenvolvido. Pereópodo 7, base não estreitando distalmente, margem posterodistal convexa. Telson com lobos subagudos, margens internas retas a ligeiramente côncavas (LeCroy, 2004).

Localidade-tipo

Entre Water Island e Saint Thomas, Ilhas Virgens, Estados Unidos da América.

Comentários

Espécie originalmente descrita para as Ilhas Virgens (EUA) e comumente registrada na Flórida e Caribe, muito comum vivendo em associação a algas, esponjas e corais (Ortiz & Lemaitre, 1994; LeCroy, 2004). No presente trabalho, é documentado seu primeiro registro para o Brasil, especificamente no Arquipélago de Abrolhos (BA), além do primeiro registro de sua ocorrência em associação a rodólitos.

Infraordem Lysianassida Dana, 1849

Parvordem Lysianassidira Dana, 1849

Superfamília Lysianassoidea Dana, 1849

Família Lysianassidae Dana, 1849

Diagnose

Corpo comprimido lateralmente, segmentos do peréon não carenados dorsalmente. Antena 1, pedúnculo curto, robusto e flagelo acessório bem desenvolvido. Pleon dorsalmente liso, sem espinhos ou processos fortes. Coxa 1 não reduzida, tão grande quanto ou maior que a coxa 2. Coxa 4, margem posterior fortemente escavada. Gnatópodo 1, ísquio não alongado, subquadrado ou ligeiramente mais longo que largo. Gnatópodo 2 minuciosamente quelado ou subquelado, ísquio alongado, pelo menos 2× mais longo que largo, mais longo que o mero, própodo não alargado, dáctilo diminuto. Urópodo 3, pedúnculo curto, estendendo-se não mais do que a metade dos ramos do urópodo 2, ramo interno com pelo menos metade do comprimento do ramo externo, ramo externo não alongado. Urossoma 1–3 separados (LeCroy, 2007).

Gênero *Lysianassa* Milne Edwards, 1830

Diagnose

Peças bucais formando um feixe subcônico. Pereópodo 4, coxa com margens anterior e posterior subparalelas. Pereópodos 5–7 com artículos distais alongados. Urópodo 3, ramos lanceolados e ramo externo 1-articulado (Lowry & Stoddart, 2002).

Espécie-tipo

Lysianassa costae Milne Edwards, 1830

***Lysianassa danai* Senna & Serejo, 2008**

Material examinado

Um indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5387).

Diagnose

Antena 1, artículo 1 do pedúnculo sem espinho medial. Antena 2 do macho alongada, um terço do comprimento do corpo, pedúnculo geniculado entre os artículos 4 e 5. Mandíbula esquerda, lacinia mobilis modificada em uma pequena cerda robusta. Palpo artículo 2, comprimento 5× a largura, com quatro cerdas delgadas distais, artículo 3 fino, curvo, minuciosamente cetoso e com três cerdas delgadas na margem apical. Gnatópodo 1, própodo com uma projeção e 1 cerda robusta proximal ao ângulo posterodistal, dactilo simples, unha presente, fracamente definida. Gnatópodo 2, palma ligeiramente obtusa, serrilhada, com uma pequena cerda robusta proximal ao ângulo posteroventral, dactilo simples, não alcançando o ângulo palmar. Pereópodo 6, base com margem posterior ligeiramente côncava. Urópodo 3, pedúnculo alongado, comprimento 2× a largura, ramos lanceolados, ramo externo 1-articulado, 1,3× o comprimento do ramo interno. Telson inteiro e truncado distalmente (Senna & Serejo, 2008).

Localidade-tipo

Bahia, Brasil (16°47'10"S, 37°41'10"W).

Comentários

Esta espécie bentônica é conhecida apenas para o estado da Bahia e agora também é conhecida vivendo em associação a banco de rodolitos.

Subordem Senticaudata Lowry & Myers, 2013

Infraordem Corophiida Leach, 1814

Parvordem Caprellidira Leach, 1814

Superfamília Photoidea Boeck, 1871

Família Ischyroceridae Stebbing, 1899

Diagnose

Flagelo acessório presente. Gnatópodo 2 maior que o gnatópodo 1, subquelado ou carpoquelado. Urópodo 3, pedúnculo alongado em relação aos ramos, ramo interno, quando presente, apicalmente não serrado. Telson carnosos (Thomas, 1993).

Gênero *Erichthonius* Milne Edwards, 1830

Diagnose

Antenas 1–2, artículos do pedúnculo delgados. Antena 1, artículo do pedúnculo 1 não expandido, similar em largura aos artículos 2–3. Rostro curto, reto. Mandíbula, palpo 3-articulado, longo, estendendo-se bem além da ponta do processo incisivo, artículo terminal não reduzido. Coxas 1–4 separadas, não sobrepostas. Gnatópodo 1 subquelado. Gnatópodo 2 fortemente dimórfico sexualmente, o do macho carpoquelado, dactilo fechando-se sobre o processo carpal, o da fêmea

subquelada, própodo com palma reta a ligeiramente convexa, sem espinhos robustos. Urópodo 2 birreme, ramos não vestigiais. Urópodo 3 unirreme, ramo reduzido, com espinhos apicais em forma de gancho. Telson subretangular, inteiro (LeCroy, 2007).

Espécie-tipo

Erichthonius difformis Milne Edwards, 1830

***Erichthonius brasiliensis* (Dana, 1853)**

Material examinado

Três indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5591); 1 fêmea, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5592); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5590).

Diagnose

Gnatópodo 2 do macho, base delgada, cerdosa, própodo delgado com margem posterior côncava, dáctilo com margem anterior uniformemente convexa. Urópodo 3, ramo delgado (LeCroy, 2007).

Localidade-tipo

Porto do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Comentários

Com distribuição cosmopolita em águas tropicais e temperadas (Thomas, 1993), esta espécie marinha tubícola apresenta registros nos litorais de PE, BA, RJ e SP (Serejo & Siqueira, 2018). Exibindo hábito incrustante, coloniza preferencialmente substratos consolidados como rochas, estruturas artificiais, raízes de mangue e valvas de ostras, embora também ocorra em associação a algas e esponjas e ascídias (Serejo, 1998b; LeCroy, 2007; Cummings et al., 2022). Originalmente descrita para o RJ, este estudo registra sua ocorrência nos bancos de rodolitos de Abrolhos.

Parvordem Corophiídira Leach, 1814

Superfamília Aoroidea Stebbing, 1899

Família Aoridae Stebbing, 1899

Diagnose

Antena 1 bem desenvolvida, alcançando bem além do artículo 4 do pedúnculo da antena 2. Antena 2 não muito curta, pelo menos metade do comprimento da antena 1. Gnatópodo 1 bem desenvolvido, geralmente maior que o gnatópodo 2, ocasionalmente subigual e similar (especialmente em fêmeas), geralmente subquelado, ocasionalmente carpoquelado em machos. Pereópodo 7 subigual ou mais longo que o pereópodo 6, não delgado e atenuado

distalmente. Urossoma 1–3 separados. Urópodo 3 com 1–2 ramos (podendo ser reduzidos). Telson inteiro ou emarginado (LeCroy, 2002).

Gênero *Bemlos* Shoemaker, 1925

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório bem desenvolvido, 4–8-articulado. Antena 2, pedúnculo geralmente se estendendo bem além do pedúnculo da antena 1. Gnatópodo 1 subquelado, carpo mais curto que o própodo, processo palmar presente, bem desenvolvido, localizado no ângulo palmar, dáctilo estendendo-se até ou ligeiramente além do ângulo palmar. Gnatópodo 2, base com margem anterior sem cerdas ou com cerdas curtas a médias relativamente esparsas, se presentes, cerdas muito mais curtas que o comprimento da base. Epímero 3 sem projeção posteroventral. Urópodos 1–2, ramo interno ligeiramente mais longo que o ramo externo. Urópodo 3, ramo externo com segundo artículo minúsculo (LeCroy, 2002).

Espécie-tipo

Bemlos macromanus Shoemaker, 1925

***Bemlos unicornis* (Bynum & Fox, 1977)**

Material examinado

Um indivíduo, em etanol 93%, Portinho Norte, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S,

38°41'44.4"W, 23 de outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5664).

Diagnose

Antena 1 mais longa que a antena 2. Segmentos 2–4 do peréon do macho com processos esternais médio-ventrais, processo no segmento 2 maior que os dos segmentos 3–4. Coxas 1–4 do macho, margem ventral com cerdas curtas, cerdas muito mais curtas que a profundidade da coxa. Gnatópodo 1, coxa não produzida anteroventralmente, ângulo anteroventral arredondado, base, margem anterior sem cerdas marginais ou submarginais longas, crenulado em indivíduos grandes, palma com entalhe raso em forma de U ou V, entalhe que se estende por muito menos da metade do comprimento da margem posterior. Gnatópodo 2, margem anterior revestida com cerdas longas e densas. Urópodo 3, ramo interno 2× o comprimento do pedúnculo (LeCroy, 2002).

Localidade-tipo

Bogue Sound, Morehead City, Carteret Country, Carolina do Norte, Atlântico Noroeste.

Comentários

Inicialmente registrado na Carolina do Norte (Atlântico Noroeste), esta espécie ocorre associada a algas, esponjas (LeCroy, 2002), além de ser ocasionalmente coletada em arrastos de plâncton noturno (Bynum & Fox, 1977). No Brasil, foi primeiramente documentada no RJ em

associação com a esponja *Dysidea fragilis* (Serejo, 1998b) e posteriormente registrada também para a costa dos estados da Paraíba (PB), PE, AL e SP (Valério-Berardo & Miyagi, 2000). O presente trabalho amplia a distribuição conhecida desta espécie para a região Nordeste do Brasil, registrando sua ocorrência nos bancos de rodolitos do Arquipélago de Abrolhos, BA.

Gênero *Globosolembos* Myers, 1985

Diagnose

Gnatópodo 1 igualmente ou quase igualmente largo, própodo mais longo que o carpo, com forma globosa, sempre sem escavação intrapalmar, mas às vezes com escavação na margem posterior, palma sem definição ou definida por um espinho fraco. Gnatópodo 2 geralmente fortemente cerdoso em ambos os sexos. Urópodo 3, ramo externo sem segundo artículo (Myers, 1985).

Espécie-tipo

Globosolembos smithi (Holmes, 1905)

***Globosolembos smithi* (Holmes, 1905)**

Material examinado

Um indivíduo, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5525); 5 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos,

BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5538); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5537); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5529); 11 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5526); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5532); 3 indivíduos, em etanol 93%, Ilha de Queimada Grande, Estado de SP, Brasil, 20 metros de profundidade, 24°29'9.6"S, 46°40'40.8"W, fevereiro de 2016, em rodolito (UERJ 5536); 3 indivíduos, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5534); 1 indivíduo, em etanol 93%, Portinho Norte, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, 23 de outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5533); 1 indivíduo, em etanol 93%, Portinho Norte, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, 23 de outubro de

2017, em rodolito (UERJ 5531); 1 indivíduo, em etanol 93%, Portinho Norte, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, 23 de outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5528); 4 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5535); 4 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5530); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5527).

Diagnose

Antena 2 robusta, ligeiramente mais curta que a antena 1. Gnatópodo 1, própodo com margem anterior e superfície anteromedial com cerdas relativamente esparsas, curtas a moderadamente longas, palma bem definida, sinuosa, com processo definindo o ângulo palmar. Pereópodos 3–4, carpo, margem posterior sem espinhos, própodo com margem posterior com 1 espinho proximal. (LeCroy, 2002).

Localidade-tipo

Vineyard Sound, Massachusetts, USA.

Comentários

Globosolembos smithi é uma espécie relativamente comum que ocorre associada a diversos organismos como algas, esponjas e ascídias. No Brasil, foi inicialmente reportada por Valério-Berardo e Miyagi (2000) e posteriormente por Leite (2011), com distribuição conhecida para a costa dos estados da BA, Espírito Santo (ES) e SP. O presente estudo amplia a ocorrência da espécie para a região Nordeste do Brasil, com novos registros no Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, e documenta pela primeira vez sua associação com bancos de rodolitos.

Superfamília Chevalioidea Myers & Lowry, 2003

Família Chevaliidae Myers & Lowry, 2003

Diagnose

Cabeça, lobo cefálico lateral da cabeça fracamente estendido, olho situado proximal ao lobo, margem anteroventral fracamente recuada, moderadamente escavada. Palpo mandibular, artículo 3 assimétrico, arredondado distalmente, cerdas estendendo-se ao longo da maior parte da margem posterodistal, margem posterior com cerdas de comprimento variável. Gnatópodo 1 não aumentado em machos ou fêmeas, coxa 1 tão grande ou maior que a coxa 2. Gnatópodo 2, em machos, maior que o gnatópodo 1. Pereópodo 5, carpo pequeno, semilunar, dáctilo com ou sem espinho acessório na margem anterior. Urossomitos 1–2 coalescentes. Urópodo 3,

pedúnculo curto, ramo externo sem espinhos recurvados. Telson sem ganchos ou denticulos (Myers & Lowry, 2003).

Gênero *Chevalia* Walker, 1904

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório 2–3-articulado; Cabeça, lobo ocular subquadrado anteriormente. Gnatópodo 2 alargados, subquelados, própodo subretangular, palma transversa, ângulo palmar com pequeno processo subtriangular, dátilo robusto. Pereópodos 5–7, dátilo bifurcado distalmente. Urossoma 1–2 fundidos. Urópodos 1–2, ramo interno estiliforme, sem espinhos terminais. Urópodo 3, ramos subiguais em comprimento, pedúnculo subigual ou mais curto que o telson. Telson, ápice com ápice truncado e pequeno processo mediano (LeCroy, 2000).

Espécie-tipo

Chevalia aviculae Walker, 1904

Chevalia convexa Souza-Filho, Souza & Valério-Berardo, 2010

Material examinado

Cinco indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5620); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade,

17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5607); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5619); 13 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5615); 8 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5627); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5638); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5622); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5635); 49 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5611); 6 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5633); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco

de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5630); 28 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5608); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5625); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5624); 22 indivíduos, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 10 metros de profundidade, 3°48'50.4"S, 32°23'27.6"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5640); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5629); 11 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5610); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5626); 12 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito

(UERJ 5618); 13 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5628); 7 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5621); 12 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5632); 7 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5623); 10 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5631); 2 indivíduos, em etanol 93%, Portinho Norte, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, 23 de outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5617); 3 indivíduos, em etanol 93%, Portinho Norte, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, 23 de outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5609); 3 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5614); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco

de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5637); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5641); 19 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5616); 4 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5636); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5613); 19 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5639); 19 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5612); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5634).

Diagnose

Lobo cefálico com margem proximal do lobo lateral reta. Antena 1, flagelo acessório 3-articulado. Antena 2 tão longa quanto a antena 1. Coxas 1–2 com ângulo anteroventral fortemente produzido. Gnatópodo 2, palma transversa, definida por 1 espinho agudo, dátilo tão longo quanto a palma, margem interna com um processo fracamente desenvolvido próximo à dobradiça do própodo e com 6 cerdas simples. Pereópodo 7, base ovalada, não produzida no ângulo posteroventral. Epímeros 1–3, ângulo posteroventral arredondado, com um entalhe, cada entalhe com 1 cerda. Urópodo 1, ramo interno 1,2 × mais longo que o ramo externo e margem interna com 13 grandes espinhos serrilhados mediais, margem apical com 5 espinhos e 2 cerdas robustas. Telson, margem distal convexa e sem processo médio (Souza-Filho et al., 2010).

Localidade-tipo

Rio Grande do Norte, Brasil (2°48'S, 39°28.8'W).

Comentários

Esta espécie bentônica possui registros de ocorrência nos estados do Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), PE, BA e ES (2°48'S a 21°38'S), ocorrendo em profundidades de 12 a 140 m (Souza-Filho et al., 2010). O presente trabalho amplia sua distribuição conhecida, documentando sua ocorrência nos arquipélagos de Abrolhos, BA, e Fernando de Noronha, PE,

onde foi encontrada associada a bancos de rodolitos.

Superfamília Corophioidea Leach, 1814

Família Ampithoidae Boeck, 1871

Diagnose

Flagelo acessório presente ou ausente. Urópodo 3, ramos pequenos, mais curtos que o pedúnculo, robusto apicalmente, ramo externo armado com um ou dois ganchos recurvados. Télson inteiro (Thomas, 1993).

Gênero *Ampithoe* Leach, 1814

Diagnose

Ângulo do epístoma e do labro direcionados para baixo, aproximadamente 90 graus em relação à margem ventral da cabeça. Antena 1, flagelo acessório ausente. Mandíbula, molare bem desenvolvido, palpo 3-articulado. Placa externa do lábio entalhada. Maxila 1, palpo bem desenvolvido. Gnatópodo 1, sexualmente dimórfico, menor que o gnatópodo 2, palma aguda. Pereópodos 3–4 com base estreita ou expandida, mero anteriormente estreito ou expandido. Pereópodos 5–7 simples ou preênseis. Pereópodos 6–7 com própodo subretangular, artículos distais delgados ou largos. Epímero 3 sem espinho distoventral. Urópodo 1 alcançando o ápice dos ramos do urópodo 2, pedúnculo com esporão distoventral ausente ou presente (reduzido e arredondado nos machos, ausente nas

fêmeas). Urópodo 2, pedúnculo com projeção laterodistal ausente. Urópodo com 3 ramos largos, ramo externo com 2 cerdas distais robustas e recurvadas. Télson subtriangular, cúspides pequenas, ausentes ou expandidas (Andrade & Senna, 2017a).

Espécie-tipo

Ampithoe rubricata (Montagu, 1808)

***Ampithoe seticoxae* Serejo & Licinio, 2002**

Material examinado

Um indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5622).

Diagnose

Antena 1 cerca de 1/3 do comprimento do corpo. Antena 2, com artículos 4-5 do pedúnculo e flagelo revestidos por cerdas plumosas. Coxas 1-4 com grupo de 2-4 cerdas na margem posteroventral. Gnatópodo 2, própodo retangular, palma reta, ligeiramente oblíqua. Pereópodos 5-7, própodo com uma fileira de 5-6 cerdas (Serejo & Licinio, 2002).

Localidade-tipo

Praia de Boa Viagem, Baía de Guanabara, Niterói, RJ, Brasil.

Comentários

Inicialmente registrada na Praia da Boa Viagem na Baía de Guanabara, RJ, esta espécie marinha e tubícola foi documentada entre algas e briozoários por Serejo & Licinio (2002). O presente trabalho amplia sua distribuição para o nordeste do Brasil, com o primeiro registro no Arquipélago de Abrolhos, BA, registrando também a primeira ocorrência desta espécie associada a bancos de rodolitos.

Gênero *Cymadusa* Savigny, 1816

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório em forma de escama, simples ou multiarticulado. Mandíbula bem desenvolvida, palpo 3-articulado. Gnatópodo 1 fraco ou diminuto, menor ou similar em tamanho ao gnatópodo 2, coxa projetada para frente, palma aguda a subaguda. Gnatópodo 2 subquelado. Pereópodos 5–7 simples ou fracamente preênseis. Urópodo 1 alcançando os ápices dos ramos do urópodo 2, pedúnculo com esporão distoventral longo e agudo. Urópodo 3, ramos largos, ramo externo com 2 grandes cerdas robustas distais recurvadas. Telson, cúspides pequenas ou ausentes (Andrade & Senna, 2017a).

Espécie-tipo

Cymadusa filosa Savigny, 1816

***Cymadusa filosa* Savigny, 1816**

Material examinado

Um indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5524).

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório 2-articulado. Antena 2 densamente setosa (macho). Gnatópodo 1 pouco cerdoso, mero produzido formando um lobo anteroventral longo e agudo, carpo alongado, estreito e subretangular. Gnatópodo 2 com margens densamente setosas, palma do própodo definida por um processo pequeno e agudo, processo palmar médio ausente. Dáctilo subigual ao comprimento da palma (Andrade & Senna, 2017b).

Localidade-tipo

Cagliari, Sardenha, Mar Mediterrâneo (39°20'N, 09°10'W).

Comentários

Com distribuição circuntropical (LeCroy, 2002), esta espécie marinha de hábito tubícola habita prados marinhos e desenvolve-se entre algas em substratos consolidados, desde a zona entremarés até 4 metros de profundidade, sendo frequentemente encontrada associada a macroalgas, fragmentos de coral e bancos de rodolitos. O presente estudo confirma sua ocorrência no Arquipélago de Abrolhos, BA, complementando registros prévios da espécie na região reportados por Young & Serejo (2005).

***Cymadusa rasae* Andrade & Senna, 2017**

Material examinado

Dois indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5523).

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório 1-articulado. Antena 2 fracamente setosa. Lábio cerdoso. Mandíbula, palpo 3-articulado. Maxila 1, placa interna com 5 cerdas. Gnatópodo 1, mero pequeno e subagudo, carpo alongado e subretangular. Gnatópodo 2 com margens cerdosas, mero alongado e subretangular, carpo subtriangular, palma com um espinho posterodistal pequeno e subagudo. Urópodo 3, pedúnculo com 4 cerdas distais robustas e 6 cerdas simples, margem lateral com 1 cerda longa pectinada (Andrade & Senna, 2017b).

Localidade-tipo

Praia Rasa, Armação dos Búzios, RJ, Brasil.

Comentários

A espécie era conhecida apenas na Praia da Rasa (Armação dos Búzios, RJ), seu local de descoberta original. Novos registros no Arquipélago de Abrolhos, BA, revelam sua presença em bancos de rodolitos - um habitat não documentado anteriormente para esta espécie,

expandindo assim sua distribuição geográfica conhecida e suas associações ecológicas.

***Cymadusa tartarugae* Andrade & Senna, 2017**

Material examinado

Dois indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5518); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5517); 8 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5514); 6 indivíduos fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5515); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5511); 4 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5512); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5513); 1

indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5519); 2 indivíduos fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5521); 3 indivíduos fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5520); 3 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5516).

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório 1-articulado. Antena 2 fracamente cerdosa. Gnatópodo 1, coxa fortemente larga anteriormente, cobrindo parcialmente o olho, mero pequeno e subagudo com lobo subagudo, carpo subtriangular, palma transversa. Urópodo 3, pedúnculo com 3 cerdas distais robustas e 3 cerdas simples. Telson subtriangular (Andrade & Senna, 2017b).

Localidade-tipo

Praia da Tartaruga, Armação dos Búzios, RJ, Brasil.

Comentários

A espécie, descrita inicialmente para a Praia da Tartaruga em Búzios, RJ, já havia sido registrada em outra localidade do RJ por Cummings et al. (2022) associada a bancos de algas. O presente estudo revela sua ocorrência no nordeste brasileiro, com registros inéditos no Arquipélago de Abrolhos, BA, onde foi encontrada vivendo a bancos de rodolitos.

Cymadusa trinidadensis Andrade & Senna, 2017

Material examinado

Cinco indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5503); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5501); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 2653); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5508); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5500); 1 indivíduo, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S,

32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5498); 11 indivíduos, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5504); 3 indivíduos fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5509); 7 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5502); 1 indivíduo fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5510); 1 indivíduo fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5499); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5506); 2 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5507); 3 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5497); 4 indivíduos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7

metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5505).

Diagnose

Antena 1, flagelo acessório 2-articulado. Antena 2 fracamente setosa. Lábio cerdoso. Mandíbula, palpo 3-articulado. Maxila 1, placa interna com 7 cerdas. Gnatópodo 1, coxa produzida anteriormente, mero pequeno e subagudo, carpo alongado e subretangular com lobo subagudo. Gnatópodo 2, coxa suboval, mero pequeno e subagudo, carpo subtriangular, palma fortemente escavada, espinho palmar ausente. Urópodo 3, pedúnculo com 4 cerdas distais robustas e 4 cerdas longas simples. Télson subtriangular (Andrade & Senna, 2017b).

Localidade-tipo

Ilha da Trindade, ES, Brasil (20°31'29"S, 29°19'29"W).

Comentários

A espécie, anteriormente restrita à Ilha da Trindade, ES, apresenta agora registros documentados para os arquipélagos de Abrolhos, BA, e de Fernando de Noronha, PE, em material de rodolitos.

Infraordem Hadziida Karaman, 1943

Parvordem Hadziidira Karaman, 1943

Superfamília Hadzioidea Karaman, 1943

Família Maeridae Krapp-Schickel, 2008a

Diagnose

Corpo lateralmente comprimido ou subvermiforme. Cabeça, ângulo anteroventral com entalhe ou escavação. Antenas 1–2 sem calcéolos. Antena 1 mais longa que a antena 2. Antena 2 sem artículo bulboso 1. Molar da mandíbula bem desenvolvido. Brânquias coxais não pedunculadas. Urossomitos 1–3 livres. Urossomito 2 sem cerdas dorsais robustas. Urópodos 1–2, ápices dos ramos com cerdas robustas. Urópodo 1, pedúnculo com cerda basofacial robusta. Urópodo 3, birreme, ramo interno com pelo menos metade do comprimento do ramo externo, ramo externo 1 ou 2-articulado, com artículo 2, quando presente, curto ou longo, nunca muito alongado. Télson laminar (Lowry & Hughes, 2009).

Gênero *Elasmopus* Costa, 1853**Diagnose**

Antena 1 muito maior que a Antena 2, flagelo acessório presente. Mandíbula, artículo 3 do palpo fortemente falciforme. Mx1-2 não ou fracamente cerdosas nas margens internas. Maxila 1, placa interna ovalada. Pereópodos 5–7 geralmente curto, robusto. Urópodos 1–2 ramos subiguais. Urópodo 3 pouco estendido, ramo externo largo, curto, fortemente cerdoso, artículo 2 vestigial ou ausente. Télson profundamente fendido (Krapp-Schickel & Jarrett, 2000).

Espécie-tipo

Elasmopus rapax Costa, 1853

Elasmopus longipropodus* Senna & Souza-Filho, 2011*Material examinado**

Uma fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5776); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5777); 3 fêmeas e 2 machos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5393); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5771); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5767); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5778); 2 fêmeas e 2 machos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017,

em rodolito (UERJ 5394); 1 fêmea, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5781); 1 fêmea, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 10 metros de profundidade, 3°48'50.4"S, 32°23'27.6"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5768); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5761); 3 fêmeas, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5779); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5780); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5389); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 65 metros de profundidade, 17°59'16.5"S, 37°52'14.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5782); 4 fêmeas, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5769); 3 fêmeas, 1 macho e 9 juvenis, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017,

em rodolito (UERJ 5392); 1 fêmea, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°57'44.1"S, 38°41'44.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5765); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5390); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 30 metros de profundidade, 18°06'04.3"S, 38°25'25.0"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5391).

Diagnose

Gnatópodo macho 2, própodo alongado, cerca de 2,5 × mais longo do que largo, com margens subparalelas, palma mais curta do que a margem posterior, com três processos: o primeiro arredondado e truncado distalmente próximo à articulação do dáctilo com seis cerdas robustas de cada lado, o segundo no meio, subagudo e ligeiramente curvado anteriormente, o terceiro forte e subagudo definindo o ângulo palmar. Pereópodos 5–7, mero e carpo pouco expandidos e pouco cerdosos. Epímero 3, ângulo posteroventral amplamente arredondado, margem posterior ligeiramente serrilhada, com cinco pequenos entalhes. Urópodo 3, ramo interno ligeiramente mais curto do que o ramo externo, este último 1-articulado, com dois conjuntos de cerdas longas e robustas na margem externa. Télson (macho) com cúspides apicolaterais bem desenvolvidos, mas não alcançando a

extremidade distal interna arredondada, e três cerdas robustas subapicais, a cerda mais longa alcançando cerca de $3 \times$ as pontas arredondadas (Senna & Souza-Filho, 2011).

Localidade-tipo

Atol das Rocas, RN, Brasil (3°52'S, 33°48'W).

Comentários

A espécie, originalmente descrita para o Atol das Rocas, RN, apresenta uma ampla distribuição ao longo da costa brasileira, com registros desde o Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, e Praia do Pirangi, RN, até Arraial do Cabo e Ilha Grande, RJ, conforme documentado por Alves et al. (2016) e Senna & Souza-Filho (2011). Trata-se de uma espécie marinha encontrada associada a bancos de algas *Sargassum* sp., algas calcárias, esponjas e substratos arenosos.

Gênero *Quadrimeaera* Krapp-Schickel & Ruffo, 2000

Diagnose

Mandíbula, palpo com artículo 1 ventrodistalmente não alongado, artículo 3 estreito, geralmente tão longo ou mais longo que o artículo. Gnatópodo 2, própodo com ângulo palmar igual ou menor que 90°, dáctilo com uma única cerda na margem externa, margem interna frequentemente com projeções ou escavações. Pereópodos 3–7, dáctilo bífido (Krapp-Schickel & Ruffo, 2000).

Espécie-tipo

Quadrimeaera quadrimana (Dana, 1852)

Quadrimeaera chaelata Senna & Serejo, 2007

Material examinado

Um macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5651); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5652); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5650).

Diagnose

Gnatópodo 2 quelado, palma obtusa, com uma grande concavidade medial e cerdas bífidas e robustas, ângulo palmar produzido em um processo robusto que ultrapassa ligeiramente a articulação do dáctilo (Senna & Serejo, 2007).

Localidade-tipo

Atol das Rocas, RN, Brasil (03°52'S, 033°48'W).

Comentários

Esta espécie atualmente é registrada apenas para a localidade tipo em Atol das Rocas, RN. Portanto, sua distribuição foi ampliada para o

nordeste até o Arquipélago de Abrolhos com o primeiro registro em associação a rodolitos.

***Quadrimaera cristianae* Krapp-Schickel & Ruffo, 2000**

Material examinado

Um macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5644).

Diagnose

Antena 2, flagelo densamente cerdoso. Coxa 1 arredondada anteroventralmente, fracamente produzida. Gnatópodo, palma com 2 escavações desiguais definindo 2 processos palmares, o proximal subtriangular e o distal truncado, delimitado por um espinho triangular proeminente fortemente agudo, precedido por uma escavação semielíptica larga e profunda, dátilo com margem interna lisa, podendo ser inflada medialmente. Pereópodo 5–7, base ovalada e alongada, com lobo arredondado posterodistalmente produzido, dáctilos com unha bífida. Pereópodo 6–7, margem posterior com um tufo medial de cerdas longas. Télson mais largo do que longo, lobos sem incisão distalmente, com canto distointerno curto, agudamente produzido e com 4 espinhos alongados (Krapp-Schickel & Ruffo, 2000).

Localidade-tipo

Ilhas Turks e Caicos, Fort George Cay (Índias Ocidentais).

Comentários

Esta espécie possui registros no Brasil para Atol das Rocas, RN, além de localidades em Pernambuco e Bahia. Ocorre associada a substratos arenosos e rochas colonizadas por balanídeos (Krapp-Schickel & Ruffo, 2000).

***Quadrimaera rocasensis* Senna & Serejo, 2007**

Material examinado

Um macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 7 metros de profundidade, 17°46'20.0"S, 38°43'22.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5648).

Diagnose

Gnatópodo 2, palma transversal com duas concavidades proximais em forma de U e outra concavidade elíptica antes do canto palmar, concavidade proximal em forma de U mais profunda que a seguinte, dátilo, margem interna com um espinho robusto oposto à concavidade palmar proximal. Pereópodos 5–7, base com lobo posterodistal não muito produzido. Epímero 3 com dois pequenos espinhos posterodistalmente. Télson fendido em 80% de seu comprimento, lobos distalmente entalhados com três cerdas bífidas longas, uma pequena cerda bífida e uma unha com uma pequena cerda apical, margem

externa com três cerdas delgadas (Senna & Serejo, 2007).

Localidade-tipo

Atol das Rocas, RN, Brasil (03°52'S, 033°48'W).

Comentários

A espécie anteriormente conhecida apenas para sua localidade tipo em Atol das Rocas (RN) onde foi registrada em associação a bancos de algas, teve sua distribuição ampliada com um novo registro no Arquipélago de Abrolhos (BA) em associação a rodolitos.

Família Melitidae Bousfield, 1973

Diagnose

Dimorfismo sexual. Cabeça, olho arredondado, pequeno, rostro ausente, lobo anterior arredondado. Palpo mandibular delgado, reduzido ou vestigial, 1-3 segmentados. Gnatópodo 2 maior do que o Gnatópodo 1. Pereópodo 7 mais longo. Urópodo 1, pedúnculo com espinho proximal anterior. Urópodo 3 grande, ramos espinhosos, não foliáceos, ramo interno tendendo à redução. Telson profundamente fendido, lobos diferentes, ápices agudos (Bousfield, 1973).

Gênero *Dulichchiella* Stout, 1912

Diagnose

Antena 1 mais longa que a antena 2. Maxila 1, placa interna longa, estreita, afinando distalmente, com 2 cerdas plumosas apicais bem desenvolvidas. Maxila 2, placa interna da maxila 2 com fileira de cerdas oblíquas. Gnatópodo 2 dos machos, assimétricos, significativamente desiguais em tamanho (igual em tamanho nas fêmeas), palma do Gnatópodo maior ligeiramente obtusa. Pereópodos 5–7 artículos distais fortemente a fracamente cerdosos, dáctilos, unha com espinhos acessórios. Pereópodos 6–7 em machos com feixes de cerdas longas e delgadas. Base do pereópodo 7 em fêmeas totalmente expandida. Pleonitos dorsalmente serrilhados. Urópodo 3, ramo interno em forma de escama, ramo externo 4 a 5 × mais longo que largo, 2-articulado. Telson profundamente fendido, lobos afinando distalmente em direção a uma ponta aguda. (Lowry & Springthorpe, 2007).

Espécie-tipo

Dulichchiella spinosa Stout, 1912

***Dulichchiella anisochir* (Krøyer, 1845)**

Material examinado

Dois machos, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 15 metros de profundidade, 17°26'50.2"S, 38°25'33.4"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5601); 1 macho, em etanol 93%, Ilha de Queimada Grande, Estado de São Paulo, Brasil, 10 metros de profundidade, 24°29'9.6"S, 46°40'40.8"W,

fevereiro de 2016, em rodolito (UERJ 5598); 1 indivíduo, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5600); 1 macho, em etanol 93%, banco de rodolitos de Abrolhos, BA, Brasil, 25 metros de profundidade, 17°14'17.1"S, 38°32'42.3"W, outubro de 2017, em rodolito (UERJ 5602); 1 fêmea, 1 macho e 4 juvenis, em etanol 93%, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil, 45 metros de profundidade, 3°52'40.9"S, 32°29'3.8"W, julho de 2012, em rodolito (UERJ 5599).

Diagnose

Gnatópodo 1, coxa com ângulo anteroventral produzido, arredondado, margem anterior côncava. Gnatópodo 2, própodo com coroa distolateral com três espinhos arredondados; dátilo apicalmente robusto, alcançando o final da palma. Pereópodos 6–7, carpo e própodo sem feixes de cerdas longas e finas. Epímero 1, ângulo posteroventral agudo. Epímero 3, margem posterodistal serrilhada (White & Sir, 2024).

Localidade-tipo

Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Comentários

Esta espécie ocorre na costa brasileira do RJ ao Estado do Rio Grande do Sul (RS) (Lowry & Springthorpe, 2007). Neste trabalho a sua distribuição foi estendida a nordeste até o

Arquipélago de Fernando de Noronha, PE. Comumente encontrada associada a algas (Leite, 2011; Cunha et al., 2013), esta espécie tem agora registro de associação a rodolitos.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem encarecidamente ao Prof. Dr. Guilherme H. Pereira-Filho, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), coordenador do projeto “Avaliação dos processos que determinam a formação e a biodiversidade associada aos bancos de rodolitos em diferentes escalas espaciais”, por disponibilizar os espécimes para estudo e a estrutura de seu laboratório para que pudéssemos realizar a quebra dos rodolitos e a retirada da fauna associada. VMC recebeu bolsa de doutorado do CNPq, no âmbito da Chamada CNPq/MCTI/CONFAP-FAPS - Programa de Apoio a Projetos de Pesquisas para a Capacitação e Formação de Recursos Humanos em Taxonomia Biológica - PROTAX N.º 22/2020, e posteriormente da FAPERJ, no âmbito do Programa - Bolsa Doutorado Nota 10 - 2024.2 (E_03/2024), ambas como aluna do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução (PPGEE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). BQ contou com o apoio do Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (PROATEC/UERJ) e, posteriormente, com a bolsa de mestrado da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como aluna do Programa de Pós-Graduação de Oceanografia (PPGOCN) da UERJ. ARS agradece ao CNPq pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa (CNPq n.º 305439/2022-7) e conta também com o apoio do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (PROCIÊNCIA/UERJ).

REFERÊNCIAS

- ALVES J, JOHNSON R AND SENNA AR. 2016. On the genus *Elasmopus* Costa, 1853 from the Northeastern coast of Brazil with five new species and new records. *Zootaxa* 4184: 1–40. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4184.1.1>
- AMADO-FILHO GM, PEREIRA-FILHO GH. 2012. Rhodolith beds in Brazil: a new potential habitat for marine bioprospection. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 22: 782–788.
- AMADO-FILHO GM, MOURA RL, BASTOS AC, SALGADO LT, SUMIDA PY, GUTH AZ, FRANCINI-FILHO RB, PEREIRA-FILHO GH, ABRANTES DP, BRASILEIRO OS, BAHIA RG, LEAL RN, KAUFMAN L, KLEYPAS JA, FARINA M AND THOMPSON FL. 2012. Rhodolith beds are major CaCO₃ bio-factories in the tropical Southwest Atlantic. *PLoS One* 7(4): e35171. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0035171>
- ANDRADE LF AND SENNA AR. 2017a. Two new species of Ampithoidae (Crustacea: Amphipoda) from the northeastern Brazil. *Zootaxa* 4282: 487–500. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4282.3.4>
- ANDRADE LF AND SENNA AR. 2017b. Four new species of *Cymadusa* Savigny, 1816 (Amphipoda: Ampithoidae) and new records of *C. filosa* Savigny, 1816 from Brazilian coast. *Zootaxa* 4226(3): 359–389. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4226.3.3>
- BARNARD JL. 1959. Liljeborgiid amphipods of southern California coastal bottoms, with a revision of the family. *Pacific Naturalist* 1(4): 12–28.

- BARNARD JL. 1970. Sublittoral Gammaridea (Amphipoda) of the Hawaiian Islands. Smithsonian Contributions to Zoology 34: 1–286.
<https://doi.org/10.5479/si.00810282.34>
- BOUSFIELD EL. 1973. Shallow-water gammaridean Amphipoda of New England. Ithaca: Cornell University Press.
- BYNUM KH AND FOX RS. 1977. New and noteworthy amphipod crustaceans from North Carolina, USA. Chesapeake Science 18(1): 1–33.
- CUMMINGS VM, QUEIROZ B, CANECHIA MF, SORRENTINO R, ARAUJO FV AND SENNA AR. 2022. Lista de espécies de Amphipoda (Crustacea) coletados em três localidades no entorno da entrada da Baía da Guanabara, Rio de Janeiro, Brasil. Acta Scientiae et Technicae 10.
<https://doi.org/10.12957/acta.2022.89115>
- CUNHA TJ, GÜTH AZ, BROMBERG S AND SUMIDA PYG. 2013. Macrofauna associated with the brown algae *Dictyota* spp. (Phaeophyceae, Dictyotaceae) in the Sebastião Gomes Reef and Abrolhos Archipelago, Bahia, Brazil. Continental Shelf Research 70: 140–149.
<https://doi.org/10.1016/j.csr.2013.09.001>
- FOSTER MS. 2001. Mini-review: Rhodoliths: between rocks and soft places. Journal of Phycology 37: 659–657.
- KRAPP-SCHICKEL T AND JARRETT NE. 2000. The amphipod family Melitidae on the Pacific coast of North America: part II. The *Maera–Ceradocus* complex. Amphipacifica 2(4): 23–61.
- KRAPP-SCHICKEL T AND RUFFO S. 2000. The *Maera quadrimana* complex (Crustacea Amphipoda, Melitidae) demands a new concept: *Quadrimaera* n. gen. (with description of three new species from Western Atlantic). Bollettino del Museo Civico di Storia Naturale di Verona 24: 193–214.
- LECROY SE. 2000. An illustrated identification guide to the nearshore marine and estuarine

Gammaridean Amphipoda of Florida, Volume 1: Families Gammaridae, Hadziidae, Isaeidae, Melitidae and Oedicerotidae. Florida Department of Environmental Protection, Tallahassee, Florida, 203 p.

LECROY SE. 2002. An illustrated identification guide to the nearshore marine and estuarine Gammaridean Amphipoda of Florida, Volume 2: Families Ampeliscidae, Amphilochidae, Ampithoidae, Aoridae, Argissidae and Haustoriidae. Florida Department of Environmental Protection, Tallahassee, Florida, 223 p.

LECROY SE. 2004. An illustrated identification guide to the nearshore marine and estuarine Gammaridean Amphipoda of Florida, Volume 3: Families Bateidae, Biancolinidae, Cherluridae, Colomastigidae, Corophiidae, Cyproideidae and Dexaminidae. Florida Department of Environmental Protection, Tallahassee, Florida, 98 p.

LECROY SE. 2007. An illustrated identification guide to the nearshore marine and estuarine gammaridean Amphipoda of Florida Volume 4: Families Anamixidae, Eusiridae, Hyaellidae, Hyalidae, Iphimediidae, Ischyroceridae, Lysianassidae, Megaluropidae and Melphidippidae. Florida Department of Environmental Protection, Tallahassee, Florida, 111 p.

LECROY SE. 2011. An illustrated identification guide to the nearshore marine and estuarine gammaridean Amphipoda of Florida Volume 5: Families Leucothoidae, Liljeborgiidae, Neomegamphopidae, Ochlesidae, Phliantidae, Phoxocephalidae, Platyschnopidae, Pleustidae, Podoceridae, Pontoporeiidae, Sebidae, Stenothoidae, Synopiidae and Talitridae. Florida Department of Environmental Protection, Tallahassee, Florida, 201 p.

LEDOYER M. 1986. Crustacés Amphipodes gammariens. Familles des Haustoriidae à Vitjazianidae. Faune de Madagascar 59(2): 599–1112.

LEITE FPP. 2011. Amphipoda. In: AMARAL ACZ AND NALLIN SAH (Orgs.) Biodiversidade e ecossistemas bentônicos marinhos do litoral norte de São Paulo sudeste do Brasil. Campinas: Unicamp/IB, p. 327–333.

LOWRY JK AND HUGHES LE. 2009. Maeridae, the *Elasmopus* group. In: LOWRY JK AND MYERS AA (Eds.) Benthic Amphipoda (Crustacea: Peracarida) of the Great Barrier Reef, Australia. Zootaxa 2260: 643–702.

LOWRY JK AND SPRINGTHORPE RT. 2007. A revision of the tropical/temperate amphipod genus *Dulichchiella* Stout, 1912, and the description of a new Atlantic genus *Verdeia* gen. nov. (Crustacea: Amphipoda: Melitidae). Zootaxa 1424(1): 1–62.

LOWRY JK AND STODDART HE. 2002. The Amaryllididae of Australia (Crustacea: Amphipoda: Lysianassoidea). Records of the Australian Museum 54: 129–214.

MARQUES JC AND BELLAN-SANTINI D. 1993. Biodiversity in the ecosystem of the Portuguese continental shelf: distributional ecology and the role of benthic amphipods. Marine Biology 115: 555–564.

MYERS AA. 1985. Shallow-water, coral reef and mangrove Amphipoda (Gammaridea) of Fiji. Records of the Australian Museum Supplement 5: 1–144.

MYERS AA AND LOWRY JK. 2003. A phylogeny and a new classification of the Corophiidea Leach, 1814 (Amphipoda). Journal of Crustacean Biology 23(2): 443–485. <https://doi.org/10.1163/20021975-99990353>

ORTIZ M AND LEMAITRE R. 1994. Crustáceos anfípodos (Gammaridea) colectados en las costas del Caribe colombiano, al sur de Cartagena. Anales del Instituto de Investigaciones Marinas de Punta de Betín 23: 119–127.

- RIOSMENA-RODRIGUEZ R AND MEDINA-LÓPEZ MA. 2010. The role of rhodolith beds in the recruitment of invertebrate species from the southwestern Gulf of California, Mexico. In: Seaweeds and their role in globally changing environments, p. 127–138.
- SENNA AR, GUEDES UN, ANDRADE LF AND PEREIRA-FILHO GH. 2021. A new species of amphipod *Pariphinotus* Kunkel, 1910 (Amphipoda: Phliantidae) from the Southwest Atlantic. Zoological Studies 60: 57. <https://doi.org/10.6620/ZS.2021.60-57>.
- SENNA AR AND SEREJO CS. 2007. Two new species of *Quadrinemaera* (Crustacea: Amphipoda: Melitidae) from Atol das Rocas, Brazil. Zootaxa 1593(1): 55–67. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.1593.1.2>
- SENNA AR AND SEREJO CS. 2008. Amaryllididae and Lysianassidae (Amphipoda: Lysianassoidea) from off the central coast of Brazil (11°S–22°S), with description of three new species. Zootaxa 1718: 45–68. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.1718.1.3>
- SENNA AR AND SOUZA-FILHO JF. 2011. A new species of the *Elasmopus rapax* complex (Crustacea: Amphipoda: Maeridae) from Brazilian waters. Cahiers de Biologie Marine 52: 57–70.
- SEREJO CS. 1998a. The genus *Leucothoe* (Crustacea, Amphipoda) from the Brazilian Coast. Beaufortia 48(6): 105–135.
- SEREJO CS. 1998b. Gammaridean and Caprellidean fauna (Crustacea) associated to the sponge *Dysidea fragilis* Johnston at Arraial do Cabo, RJ, Brazil. Bulletin of Marine Science 63(2): 363–385.
- SEREJO CS AND LICÍNIO MV. 2002. The genus *Ampithoe* (Crustacea, Amphipoda, Ampithoidae) from the Brazilian coast. Arquivos do Museu Nacional 60(1): 41–50.

SEREJO CS AND SIQUEIRA SGL. 2018.

Catalogue of the Order Amphipoda from Brazil (Crustacea, Peracarida): Suborders Amphilochidea, Senticaudata and Order Ingolfiellida. Zootaxa 4431(1): 1–139.

SOUZA-FILHO JF, SOUZA AMT AND VALÉRIO-BERARDO MT. 2010. Six new species of the genus *Chevalia* Walker, 1904 (Amphipoda: Corophiidea: Chevaliidae) from Brazilian waters, with key to world species of the genus. Zootaxa 2713: 25–51.

THOMAS JD. 1993. Identification manual for marine Amphipoda (Gammaridea): I. Common coral reef and rocky bottom amphipods of South Florida. Florida Department of Environmental Protection Final Report, Contract No. SP290: 1–83.

THOMAS JD AND KLEBBA KN. 2006. Studies of commensal leucothoid amphipods: two new sponge-inhabiting species from South Florida and the western Caribbean. Journal of Crustacean Biology 26(1): 13–22.

THOMAS JD AND ORTIZ M. 1995. *Leucothoe laurensi*, a new species of leucothoid amphipod from Cuban waters (Crustacea: Amphipoda: Leucothoidae). Proceedings of the Biological Society of Washington 108: 613–616.

VALÉRIO-BERARDO MT AND MIYAGI VK. 2000. Corophiidae (Crustacea, Amphipoda) da costa brasileira. Revista Brasileira de Zoologia 17(2): 481–504.

WAKABARA Y, TARARAM AS, VALÉRIO-BERARDO MT AND LEITE FPP. 1988. Liljeborgiidae (Amphipoda–Gammaridea) from the Southeastern coast of Brazil. Relatório Interno do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo 23: 1–10.

WHITE KN. 2011. A taxonomic review of the Leucothoidae (Crustacea: Amphipoda). Zootaxa 3078: 1–113.

WHITE KN AND SIR SJ. 2024. Caribbean Amphipoda (Crustacea) of Panama. Part II: parvorder Hadziidira. ZooKeys 1195: 249.

YOUNG PS AND SEREJO CS. 2005. Crustacea of the Abrolhos Region, Brazil. In: DUTRA GF,

ALLEN GR, WERNER T AND MCKENNA SA (Eds.) A Rapid Marine Biodiversity Assessment of the Abrolhos Bank, Bahia, Brazil. RAP Bulletin of Biological Assessment, Conservation International 38: 91–95.

Tabela 2. Táxons identificados no material proveniente três áreas de estudo, Arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Arquipélago e banco de rodolitos de Abrolhos, BA, e Ilha da Queimada Grande, SP.

	Abrolhos	Queimada Grande	Fernando de Noronha
Ampithoidae Boeck, 1871			
<i>Ampithoe</i> sp.	X		X
<i>Ampithoe seticoxae</i> Serejo & Licinio, 2002	X		
<i>Cymadusa filosa</i> Savigny, 1816	X		
<i>Cymadusa rasae</i> Andrade & Senna, 2017	X		
<i>Cymadusa tartarugae</i> Andrade & Senna, 2017	X		
<i>Cymadusa trindadensis</i> Andrade & Senna, 2017	X		X
<i>Pleonexes</i> sp.			X
Aoridae Stebbing, 1899			
<i>Bemlos unicornis</i> (Bynum & Fox, 1977)	X		
<i>Globosolembos smithi</i> (Holmes, 1905)	X	X	X
Bateidae Stebbing, 1906			
<i>Batea cuspidata</i> (Shoemaker, 1926)	X		
Caprellidae			
Caprellidae sp.	X	X	
Chevaliidae Myers & Lowry, 2003			
<i>Chevalia convexa</i> Souza-Filho, Souza & Valério-Berardo, 2010	X		X
Dexaminidae Leach, 1814			
<i>Polycheria</i> sp.	X		
Ischyroceridae Stebbing, 1899			
<i>Ericthonius brasiliensis</i> (Dana, 1853)	X		X
<i>Jassa</i> sp.	X		X
Leucothoidae Dana, 1852			
<i>Leucothoe laurensi</i> Thomas & Ortiz, 1995	X		
<i>Leucothoe lihue</i> J.L. Barnard, 1970	X		X
<i>Leucothoe occidentalis</i> Reid, 1951	X	X	

<i>Leucothoe kensleyi</i> Thomas & Klebba, 2006	X		
<i>Leucothoe urospinosa</i> Serejo, 1998	X		X
Liljeborgiidae Stebbing, 1899			
<i>Idunella titinga</i> (Wakabara, Tararam, Valério-Berardo & Leite, 1988)	X		
<i>Liljeborgia</i> sp.	X		X
Lysianassidae Dana, 1849			
<i>Lysianassa danai</i> Senna & Serejo, 2008	X		
<i>Lysianassa</i> sp.	X		
<i>Lysianopsis</i> sp. 1	X		
<i>Lysianopsis</i> sp. 2	X		
<i>Shoemakerella</i> sp.	X		
Maeridae Krapp-Schickel, 2008			
<i>Ceradocus</i> (<i>Ceradocus</i>) sp. 1	X		
<i>Ceradocus</i> (<i>Ceradocus</i>) sp. 2	X		
<i>Ceradocus</i> (<i>Denticeradocus</i>) sp.	X		
<i>Elasmopus</i> sp. 1	X		
<i>Elasmopus</i> sp. 2	X		
<i>Elasmopus longipropodus</i> Senna & Souza-Filho, 2011	X		X
<i>Quadrimaera</i> sp. 1	X		X
<i>Quadrimaera</i> sp. 2	X	X	X
<i>Quadrimaera chaelata</i> Senna & Serejo, 2007	X		
<i>Quadrimaera cristianae</i> Krapp-Schickel & Ruffo, 2000	X		
<i>Quadrimaera rocasensis</i> Senna & Serejo, 2007	X		
Melitidae Bousfield, 1973			
<i>Dulichchiella anisochir</i> (Krøyer, 1845)	X	X	X
Oedicerotidae Lilljeborg, 1865			
Oedicerotidae sp.			X
Phliantidae Stebbing, 1899			
Phliantidae sp.	X		
Photidae Boeck, 1871			
<i>Latigammaropsis</i> sp.	X		
Podoceridae Leach, 1814			

<i>Podocerus</i> sp.	X	
Pontogeneiidae Stebbing, 1906		
Pontogeneiidae sp.	X	X
Stenothoidae Boeck, 1871		
<i>Sthenothoe</i> sp.		X
Synopiidae Dana, 1853		
Synopiidae sp.	X	
